

24. A educação formal e informal do oratório festivo “São João Bosco” para meninas abandonadas

24. Formal education and informal of the oratório festivo “São João Bosco” for abandoned girls

Recebido em: 19 de abril de 2011
Aprovado em: 27 de junho de 2011

Nadja Santos Bonifácio

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Educação pela UFS. *E-mail:* nad3sb@gmail.com

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Pós-Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. *E-mail:* anagbueno@uol.com.br

Resumo

O presente estudo traçou considerações sobre a infância pobre em Sergipe, partindo de representações da formação educativa oferecida no Oratório Festivo “São João Bosco”, uma das instituições de ensino católico para atendimento a menores abandonadas no Estado. A instituição objetivava recolher, instruir e educar meninas pobres e órfãs, proporcionando, inicialmente o ensino de valores morais e religiosos e, conseqüentemente, além da educação religiosa, escolarização elementar, complementadas com aulas de trabalho manuais, de civilidade e etiqueta, visando auxiliar na educação mental e corporal das alunas através de um modelo de ensino pautado no Sistema Preventivo de

Dom Bosco. Para tal proposta, utilizamos como fundamento teórico-metodológico os preceitos da História Cultural e como categorias de análise os conceitos de civilização de Norbert Elias; apropriação de Roger Chartier; *habitus* e campo religioso de Pierre Bourdieu que permitiram trabalhar o conteúdo das diversas fontes coletadas em jornais, anais da instituição, cartas-programas, fontes orais, dentre outras. Buscamos estruturar o estudo expondo inicialmente considerações sobre a prática informal com a prática do Oratório Festivo e a modalidade formal representada pelo internato. Procuramos ainda abordar as intenções da Igreja visando à educação do indivíduo e suas investidas para tal objetivo e, por fim, tecer considerações sobre a formação das alunas do Oratório Festivo “São João Bosco” que estavam ligadas tanto aos objetivos da proposta da Igreja quanto das especificações governamentais do período que desejam um homem disciplinado e sereno, capacitado para viver numa sociedade civil e religiosa.

Palavras-chave

Infância Pobre. Educação Feminina. Educação Confessional. História da Educação.

Abstract

*This study outlined considerations poor childhood in Sergipe extends representations of educational training offered in the Oratório Festivo “São JoãoBosco”, a Catholic teaching institution for abandoned children in the State. The institution aimed to gather, instruct and educate poor girls and orphans, providing, initially teaching moral and religious values, and consequently, in addition to religious education, elementary education, complemented with lessons of work manuals, of civility and etiquette, to assist in mental and bodily education of students through a teaching model based on Preventive System of Don Bosco. For such proposal, we as theoretical-methodological precepts of Cultural history and categories of analysis the concepts of civilization of Norbert Elias; ownership of Roger Chartier; *habitus* and religious field of Pierre Bourdieu that allowed work the collected content from various sources in newspapers, proceedings of the institution, letters-programs, oral sources, among others. We structure the study exposing initially informal practice considerations with the practice of Oratório Festivo and the formal mode represented by boarding. We still talk about the intentions of the Church for the education*

of the individual and their invested for this purpose and finally make considerations for training of students of the Oratório Festivo “São João Bosco” who were linked both to the objectives of the proposal of the Church and Government specifications of wanting a disciplined and serene man, able to live in a civil and religious society.

Keywords

Poor Childhood. Female Education. Denominational Education. History of education.

Apresentação

O Oratório Festivo São João Bosco, abrigo para meninas abandonadas, de cunho confessional, católico e filantrópico¹ foi criado a 16 de agosto de 1914, em homenagem a Dom Bosco, seu protetor. Conforme seus Estatutos, durante esse tempo adotou como metodologia de ensino “as divinas lições de Dom Bosco” e seu “modelo educativo” – o chamado Sistema Preventivo de Dom Bosco.

O objetivo inicial da obra era promover a catequização de meninas pobres, acompanhando o modelo dos Oratórios Festivos, no sentido de afastá-las dos vícios deturpadores e da ociosidade. Vale ressaltar que a implantação de um Oratório Festivo nos moldes de Dom Bosco consistia em congregar aos domingos e dias festivos “meninos pobres e abandonados em um lugar adequado, onde pudessem ocupar-se em jogos, diversões honestas e em seguida aproveitar a oportunidade para ensinar os rudimentos da fé cristã” (AZZI, 1982, p. 78). Frisa-se ainda que os Oratórios Festivos não se limitaram à instrução religiosa. “Os oratórios hão [...] de formar meninos bem educados que não desonrem seus pais nem seus mestres” (BOLETIM SALESIANO, 1908, p. 686, grifo nosso). Em suma, os Oratórios eram espaços onde se difundiam os ensinamentos da religião, do trabalho, dos valores morais e dos bons costumes.

O século XIX foi um período de transformações nas relações entre o trabalho, a religião e a educação. Mudanças que consolidaram instituições como a família, o Estado e a Escola e refletiram significativamente nos modos de agir, sentir e pensar do homem, redefinindo

¹ Naquele período, a filantropia fundamentava-se na razão científica e visou “preparar a criança pobre e a abandonada para o mundo do trabalho, buscando também valorizar a família para prevenir a ociosidade, a prostituição, à mendicância, o crime, o abandono do menor, a criança na rua”, ou seja, desejava-se formar o bom trabalhador, estruturar o cidadão normatizado e disciplinado (capaz de viver bem nas grandes cidades, em boa forma e com boa saúde). MARCÍLIO, 2006, p. 207-208.

do seus costumes, práticas sociais e culturais, trazendo novas formas de sociabilidade. Assim, o homem vê-se submerso a novos inventos, discursos especializados, aparatos da moda, desenvolvimento da literatura, enfim, contatos que contribuíram para uma nova maneira de conceber e levar a vida cotidiana.

Veiga assinalou que nessa mesma época a maioria das nações defendia o ensino como meio para socializar a civilização², baseando-se em um modelo comportamental de autocensura e autodisciplina, objetivando uma formação para todos (VEIGA, 2007, p. 88).

Nesse sentido, o período exigia a formação de um “homem novo” (BOTO, 1996), que contribuísse e interagisse com as mudanças expressivas ocorridas na sociedade.

Veiga (2007) apontou ainda que nem todos os pensadores da educação moderna que se apropriaram das ideias iluministas eram a favor de uma educação integral para os pobres. Aqueles que concordavam com essa proposta defendiam “formar uma mentalidade empreendedora e ambiciosa por meio da dedicação ao trabalho, ainda que acomodada pelas virtudes cristãs” (VEIGA, 2007, p. 89). Os pensadores tinham uma visão de que levar instrução aprimorada às camadas populares tornar-se-ia “perigoso já que [...] poderia desviar os indivíduos de sua conformidade social, trazendo-lhes esperanças e desejos inusitados de mudanças” (BOTO, 1996, p. 52).

Dessa forma, a mentalidade de que os filhos dos pobres teriam uma educação intelectual mínima e direcionada para o trabalho repercutiu e vulgarizou-se entre os estudiosos, sendo priorizada nos modelos de ensino da Igreja e do Estado. Segundo Del Priore, “no século XIX, [no Brasil] a alternativa para os filhos dos pobres não seria a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares” (DEL PRIORE, 2009, p. 10).

² O sentido de civilização empregado neste estudo considera as formulações do sociólogo Norbert Elias. O termo Civilização constitui-se para a sociedade ocidental: sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, porém, o movimento reformista ampliou esse sentido, sustentando que para uma sociedade tornar-se civilizada é necessário o “processo de civilização do Estado, a educação e, por conseguinte, a eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impediam o desenvolvimento do comércio – a esse processo civilizador devia seguir-se ao refinamento de maneiras e à pacificação interna do país”. Assim a civilização não é apenas um estado, mas um processo em movimento contínuo. ELIAS, 1994, p. 23; 62

Em meados do século XIX, na Europa, especificamente na Itália, as conturbações entre poder eclesiástico e poder civil resultaram no desfavorecimento da Igreja com relação ao ensino. As congregações religiosas europeias, que monopolizavam a educação, perderam não apenas esse privilégio, como seus bens.

Foi nesse cenário de transformações que João Belchior Bosco³ enxergou nas necessidades de mudanças de hábitos dos jovens pobres e desamparados de Turim, um meio de orientá-los, pois eram jovens que se envolviam com hábitos viciosos, que deturpavam a moral civil e cristã.

Com isso em vista iniciou “uma intervenção educativa, tomando como estratégia a instituição denominada Oratório Festivo” (BORGES, 2005, p. 03). Sendo o primeiro Oratório chamado Oratório Festivo de São Francisco de Sales, com o propósito de “acolher, evangelizar e educar”. A proposta constituía-se em civilizar o jovem para a religião e o trabalho. Contudo, a metodologia de interagir com a juventude pobre, por ele reinventada, deve se relacionar com três pontos principais: sua formação e experiência sacerdotal, suas leituras sobre as teorias clássicas da educação que a época lhe proporcionou e pelas condições sociais daquele momento.

A partir dessas considerações compreende-se que o sacerdote João Bosco não inventou os Oratórios como estabelecimentos de educação informal, como comumente se pensa. Os “Oratórios” já existiam na Itália e na França naquele tempo. Eram instituições lideradas pela Igreja e legitimadas pelo governo monárquico para instruir os pobres nas regras dos bons costumes e na catequização (SCARAMUSSA, 1977).

³ Ou Giovanni Melchior Bosco nasceu a 16 de agosto de 1815, no Colle dos Becchi, localizado em Castelnuovo de Asti (atualmente chama-se Castelnuovo Dom Bosco), Itália. Oriundo de família de camponeses humildes. A mãe era analfabeta e ficou órfão de pai aos dois anos de idade. Fez seus primeiros estudos com dificuldade, pois, para manter os estudos na mocidade trabalhou como costureiro, sapateiro, ferreiro, carpinteiro e nos tempos livres estudava música. João Bosco era de estatura atlética, memória incomum, inclinado à música e à arte e tinha uma linguagem fácil e espírito de liderança. Era ainda ótimo escritor. Em 1835, teve a oportunidade de entrar para o Seminário de Chieri, ordenando-se sacerdote a 05 de junho de 1841. Em 8 de dezembro do mesmo ano iniciou seu apostolado com os jovens em Turim. Em 1846, estabeleceu-se definitivamente em Valdocco, bairro de Turim, onde fundou o Oratório Festivo de São Francisco de Sales. Faleceu a 31 de janeiro de 1888, aos 72 anos de idade, deixando a Congregação Salesiana espalhada por diversos países da Europa e da América. Dom Bosco foi consagrado Beato em 1929, e canonizado a 01 de abril de 1934, no papado de Pio XI, considerado o Papa dos Salesianos, por conceder várias benesses à Congregação Salesiana. Verificar: <http://www.auxiliadora.org.br/dombosco.htm>. Acesso em 09 dez. 2009.

Porém, o adjetivo “Festivo” foi proposta do sacerdote João Bosco para diferenciá-lo dos demais.

Sendo assim, ele reestruturou, aprimorou e adaptou o modelo dos Oratórios existentes, através de seus estudos sobre educação e experiências que absorveu durante a prática do tirocínio realizado nas ruas, fábricas, bares e prisões de Turim, acompanhando o sacerdote, José Cafasso, seu mestre e confessor.

Quanto a isso, Bourdieu (2009, p. 63) salientou que a condição de acesso realmente produtivo é a capacidade que o homem tem de reproduzir ativamente os melhores produtos dos pensadores do passado, pondo a funcionar os instrumentos de produção que eles deixaram. E prosseguiu:

Nunca se passa para além da história e da ciência do homem não poder por a si mesmo outro fim que não seja o de se reapropriar, pela tomada de consciência, da necessidade que está inscrita na história e, em particular de conferir a si mesmo o domínio teórico das condições históricas em que pode emergir necessidades trans-históricas (BOURDIEU, 2009, p. 70).

Nessa concepção, através de estudos do funcionamento da ação pedagógica de seus antecessores italianos; o contato com as teorias pedagógicas surgidas no século XIX; os estudos de modelos educativos de outras Congregações religiosas, como dos lassaristas e jesuítas, Dom Bosco chegou ao seu modelo educativo conhecido como Sistema Educativo de Dom Bosco ou Sistema Preventivo de Dom Bosco, que se ancora no tripé: razão (sob o signo da educação e trabalho), religião (sob o signo da capela), e *amorevolezza* (representada pela benevolência, amabilidade, alegria dos mestres e auxiliares). Todavia, apesar dos Oratórios Festivos não terem caráter de escolarização considerasse que foi um modo informal de educação católica e de socialização⁴ utilizado pela Congregação Salesiana para doutrinar crianças pobres difundido em várias partes do mundo.

Entretanto, as mudanças progressistas difundidas na Europa do século XIX e início do XX refletiram no Brasil, que também vivenciou

⁴ Compreende-se o termo socialização a partir do ponto de vista de Setton (2005). Em que o processo de socialização consiste numa nova configuração das relações sociais, onde as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais, mas através de outras modalidades educativas que contribuem para o surgimento de uma nova percepção do indivíduo sobre si e sobre os grupos que o rodeiam. SETTON, 2005, p. 335-350.

momentos de transformações com relação à família, à educação e ao trabalho. No início da República, as alterações ocorridas na sociedade mediante os ideais da implantação industrial e modernização do país, coincidiu com outros movimentos, tais como, o crescimento das cidades, o aumento da população e a escolarização em massa. Nicolau Sevcenko caracterizou esse acontecimento como “um conjunto de transformações que gerou um amplo processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais” (SEVCENKO, 1998, p. 16).

Fatores como a desintegração familiar, os hábitos rudes, os vícios (principalmente álcool e fumo), a forma de se vestirem – andar descalço e com roupas sujas auxiliaram a sintetizar uma imagem estigmatizada do pobre na sociedade. Esse avaliado fraco, física e moralmente, tornou-se alvo dos homens da ciência, que “autorrepresenta[ram]-se como porta-vozes da razão, do progresso e da modernidade” (ROCHA, 2003, p. 32) e que entendiam a deficiência física e moral como consequência da “falta de cultura, de educação e de civilização”. Desse modo, o pobre tornava-se incapaz de criar e educar seus filhos. (RAGO, 1997, p. 113)

Sendo as famílias dessas crianças consideradas incapacitadas, despreparadas (ou inexistentes) para bem criá-las, os estabelecimentos de internamentos seriam ideais para tirar as crianças dos perigos da rua, do botequim da malandragem, da vadiagem, etc. Retirada da família e da sociedade, para bem construir sua família, dentro do amor e do preparo para o trabalho. Pelo menos essas eram as expectativas utópicas dos teóricos filantropos. Com a maioridade, a criança saíria desse microcosmo estruturado e profilático e seria devolvida “apta” para viver em sociedade. (MARCÍLIO, 2006, p. 207)

Dessa forma tornava-se urgente – naquele momento civilizatório – combater a falta de conhecimento da população concernente à educação moral, física e higiênica, tendo em vista, instruir a população contra as doenças causadas pela falta de higiene e torná-los obedientes. Para Irene Rizzini (2008), a intenção era combater o contingente ocioso da população, transformando as crianças pobres desde a infância num elemento útil para o país, contendo-as e orientando-as, a fim de evitar rebeldias e revoluções, protegendo a sociedade dos perigos sociais se não dominassem os indivíduos pobres para o trabalho e para uma vida social dentro dos limites estabelecidos.

Sabemos que famílias pobres e seus filhos; meninos e meninas eram considerados nas primeiras décadas do século XX, um problema social. Desse modo, muitos pais encontravam em instituições como o Oratório Festivo São João Bosco um instrumento de “educação no modelo burguês”, visando a “inserção social”, principalmente para a filha moça que estava “cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade” (SOIHET, 2006). Assim, como muitos pais da elite matriculavam suas filhas em colégios religiosos para educá-las conforme os preceitos morais da época, para escapar dos males da sociedade; de modo semelhante “pais pobres [procuravam internar] suas filhas [e filhos], quando achavam vaga, num asilo ou orfanato de religiosas” (FONSECA, 2006, p. 529), e mesmo patronatos.

Diante disso, traçamos aspectos da formação educativa do Oratório Festivo São João Bosco nas primeiras décadas do século XX, período que a instituição iniciou suas atividades oferecendo educação informal, a partir da prática oratoriana, e da modalidade de internato e ensino de primeiras letras instalado posteriormente no estabelecimento.

Aspectos sobre a Origem do Oratório Festivo “São João Bosco”

Em 31 de janeiro de 1888 faleceu o sacerdote Dom Bosco, deixando um legado de três obras solidamente constituídas. Quais sejam: a) O Instituto ou Pia União de São Francisco de Sales (Salesianos), que se encarregou da educação de meninos. A esse ramo estava ligado à figura do Coadjutor⁵ que acompanhava os padres em suas missões; b) A Associação das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) instituída para cuidar da educação de meninas (nesse ramo inclui-se a figura das missionárias, mulheres formadas na religião que acompanhavam as freiras salesianas em suas missões); c) A Pia União dos Cooperadores e Cooperadoras Salesianas (os beneméritos de Dom Bosco), órgão ao qual estava ligado

⁵ O Coadjutor ou irmão era um membro leigo formado (um irmão sem hábito) pela Congregação Salesiana, que exercia o papel de religioso e educador. Ressalta-se que na formação dessa categoria exigia-se apenas o “aspirantado, noviciado e os votos [profissão perpétua], como os eclesiásticos”, porém, não prosseguiram os estudos de Filosofia Eclesiástica e Teológica como os sacerdotes. Apesar de existirem homens formados em Engenharia, Agronomia, a grande maioria eram sapateiros, marceneiros, alfaiates, ferreiros, encadernadores e outros ofícios que suprissem a mão de obra das Escolas Profissionais, as Escolas Agrícolas e o ensino da catequese. OLIVEIRA, 1994a, p. 73.

o Boletim Salesiano, periódico que tinha por função estimular, orientar e instruir o Cooperador em suas ações e obras de caridade em favor da Congregação como vimos anteriormente.

Os Salesianos, como “especialistas” encarregados da “gestão dos bens de salvação” (BOURDIEU, 2005, p. 58-59), estabeleceram suas primeiras fundações no Brasil no ano de 1883, com o Colégio Santa Rosa, em Niterói, no Rio de Janeiro; e o Liceu Coração de Jesus em São Paulo em 1885, ambos para meninos. A primeira casa constituída no nordeste foi o Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração, fundado no Recife em 1895, destinado a meninos órfãos e desamparados (AZZI, 1982; OLIVEIRA, 1994a). As Salesianas estabeleceram o primeiro para meninas em Guaratinguetá/São Paulo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo em 1892, oferecendo internato, externato, cursos primário e profissional e escola noturna gratuita (SANTOS; MORAIS, 2004, p. 5).

A primeira casa do nordeste para meninas foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora instalado em Petrolina/PE em 1926. Em Sergipe, a primeira obra Salesiana também acolheu meninos pobres na Escola Agrícola “São José” implantada em 1902, num lugar conhecido como ‘Tebaida’ (NASCIMENTO, 2004; OLIVEIRA, 1994a; SILVA, 2010).

Nessa direção, a fim de implantar ensino e educação à juventude pobre e abandonada, a Congregação Salesiana concebeu os Oratórios Festivos, que segundo Azzi (1982) eram uma espécie de ponta de lança da obra de Dom Bosco, destacando-se como uma modalidade da Congregação. Pode-se inferir que era a mola impulsora do empreendimento salesiano, pois, a partir deles “criava-se na localidade ou cidade um ambiente favorável à implantação progressiva das outras atividades” (AZZI, 1982, p. 78). A intenção era reunir num espaço apropriado (amplo e alegre), um número considerável de crianças interagindo entre os ritos católicos e práticas festivas. A ludicidade desenvolvida pelos padres e auxiliares com a interação dos alunos organizadamente (no sentido de não deixar o jovem ocioso) era o trunfo da atração e permanência das crianças nas atividades.

Nessa perspectiva, essa forma estratégica de prática informal de ensino fazia parte do “projeto de expansão salesiano” desde os primórdios da obra de Dom Bosco, uma vez que a instalação de um Oratório

Festivo dispensava pouco investimento financeiro, além de tornar-se um meio de sondagem para interpretar o tipo de clientela específica a ser estabelecida numa localidade. Azzi salientou que,

[...] necessitando de poucos recursos humanos e materiais, os Oratórios Festivos se multiplicaram pelas diversas cidades do Brasil. Tiveram sempre vida muito flutuante, com períodos de maior vitalidade e épocas de estagnação e decadência. Houve mesmo casos em que a presença de um salesiano em repouso numa cidade foi o suficiente para que lá fosse iniciado um Oratório Festivo. [Pois], na medida em que se consolidava sua presença numa cidade ou região procuravam os salesianos desenvolver outros tipos de trabalho entre a juventude, destacando-se nesse sentido as escolas profissionais ou agrícolas. (AZZI, 1982, p. 81)

O primeiro Oratório Festivo instituído em Aracaju não fugiu à regra da 'sondagem', "como em outras partes, também nasceu festivo, isto é, limitado aos domingos e dias santificados" (BOLETIM SALESIANO, 1961, p. 541). Sua implantação deu-se em 1908. Tinha por objetivo catequizar meninos pobres.

Em 1913 chegou a Aracaju o Padre salesiano Anibal Lazzari, italiano formado em Turim, que atuava no Recife desde 1901. Tinha por missão dirigir o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora fundado em 1911, para meninos da elite sergipana, localizado na época na Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco).

Em 1914, o padre reativou o antigo Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora para meninos e, concomitantemente, incentivou as mulheres da Associação das Filhas de Maria e Damas de Caridade ao projeto de formação de um Oratório Festivo para meninas, pois, percebeu que nas redondezas da Tebaidinha (como ficou conhecido o lugar) havia um número considerável de meninas que, para ele, careciam de "salvar a alma", assim, a necessidade de criar um Oratório Festivo Feminino.

O Oratório Festivo Dom Bosco teve origem a 16 de agosto de 1914, no bairro Carro Quebrado (atual bairro São José), em Aracaju - Sergipe por meio da atuação de Genésia Fontes, leiga e benemérita. Cooperadora de Dom Bosco, era conhecedora dos preceitos de Dom Bosco a partir de leituras feitas pelo Boletim Salesiano, periódico mensal salesiano que divulgava os feitos das obras de Dom Bosco, ensina-

mentos de seus preceitos e instruía os Cooperadores ou beneméritos de Dom Bosco a agirem na sociedade.

Genésia Fontes, juntamente com o padre Salesiano Anibal Lazzari, concretizou a criação de um núcleo catequético visando oferecer aulas de catecismos e valores morais a meninas pobres, aos domingos e feriados.

Genésia Fontes nasceu no município de Riachão do Dantas na fazenda Bom Jardim, a 22 de setembro de 1890 e faleceu em Aracaju no dia 14 de setembro de 1960, vítima de atropelamento. Era procedente de uma família tradicional no município, no entanto, seus pais eram muito pobres. A educação doméstica da menina Genésia Fontes centrou-se no aprendizado dos trabalhos manuais, religião e nas atividades domésticas leves, habilidades consideradas normais e necessárias para a maioria das moças brasileiras de sua época. Quanto a sua educação escolar pautou-se no ensino primário iniciado em 1897, aos sete anos de idade, onde frequentou a escola isolada de primeiras letras para o sexo feminino do povoado Tanque Novo, comandada por Maria Rosa Moreira Frião, professora de primeiras letras, que considerava a aluna Genésia distinta das demais “pela aplicação e comportamento exemplares” (REGIS, 1968, p. 20).

A estrutura inicial do Oratório Festivo Dom Bosco fundado por Genésia Fontes era simples, feita de taipa e coberta com palhas de coqueiro – aspecto característico da maioria das habitações circunvizinhas da localidade. Pelo local que foi criado atendia um grupo social determinado – meninas pobres de idades variadas e filhas de mulheres que eram empregadas domésticas, operárias, lavadeiras, vendedoras de rua, enfim, geralmente mulheres que trabalhavam para manter a família.

No entanto, com o decorrer dos anos tornou-se imperativo constituir a instituição num “lugar percebido” (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 78), “demonstrando a necessidade da construção de espaços próprios [...] como condição de realização de sua função social específica” (FARIA FILHO, 2007, p. 146), pois enquanto tal, a instituição misturava-se e confundia-se com as demais “casas de palha” da localidade, “choças habitadas por famílias pobres” (Anais..., 1925). Assim, tornava-se necessário diferenciá-la das estruturas locais e identificá-la como espaço reservado a abrigo e educação.

Segundo Viñao Frago,

A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaço, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaço com significados e representações de espaços. Representações de espaços que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma representação determinada. (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 78)

Dessa forma, para exercer sua função na localidade escolhida, caberia à instituição estar representada como tal, ostentando uma estrutura física e simbólica da Congregação que representava – a Congregação Salesiana. Assim verifica-se na instituição a educação formal, com as modalidades de internato e externato e a prática informal por meio do Oratório Festivo.

A prática informal de ensino – o Oratório Festivo

Gondra e Schueler (2008, p. 158-159) alertaram para a construção história educativa desenvolvida pela iniciativa de pessoas, instituições ou associações que constituíram formas diversificadas de educação como o ensino não formal. A instituição, Oratório Festivo Dom Bosco nasceu da iniciativa e predisposição de Genésia Fontes, benemérita e cooperadora salesiana que organizou a prática oratoriana – uma ação educativa informal que se constituía numa das principais modalidades do estabelecimento.

Comumente conceituam os Oratórios Festivos de Dom Bosco como um local para evangelizar crianças de uma maneira divertida num ambiente alegre para a prática do catecismo e os ensinamentos morais, “utilizando como recursos ou atrativos, os jogos, brincadeiras, música, passeios, lanches, teatro, e outros” (BORGES, 2005).

Os Oratórios Festivos de Dom Bosco segundo Rampi (2007) eram instituições não exclusivamente paroquiais, mas que deviam receber meninos necessitados vindos de todo e qualquer lugar e paróquia, diferentemente dos oratórios tradicionais que só recebiam meninos de boa conduta. Asseverou ainda a autora que:

Dom Bosco recebia em seus Oratórios três tipos de jovens: os meninos abandonados; meninos que saíam da cadeia e rapazes que vinham do interior pela grande oferta de mão de obra. Ali eles os ocupavam com jogos, diversões e ensinavam os rudimentos da fé cristã. O jovem

artesão era aceito de 12 a 18 anos, se fosse órfão de pai e mãe, pobre e abandonado, sem ter quem pudesse assumir sua educação. O Regulamento recomendava virtudes com a piedade, trabalho e obediência, e se referia a alguns males a serem evitados, como a blasfêmia, a desonestidade e o roubo. [...] O dia terminava com as orações da noite e breves palavras de Dom Bosco (RAMPI, 2007, p. 25).

No entanto, como instrumento de doutrinação dos Salesianos – apreende-se que no contexto brasileiro – a prática oratoriana ia além da evangelização da criança pobre abandonada, nesse ponto, essa prática tinha função específica: a evangelização, tanto das crianças quanto de suas famílias.

Lima (2001) explicou que a “instrução catequética do povo tanto para adultos como para crianças era preocupação permanente da Igreja. Começava com os primeiros rudimentos transmitidos no lar, ampliados depois pelos párocos nas homilias e nos sermões dos pregadores.” (LIMA, 2001, p. 40-43). Desse modo, não somente a primeira eucaristia, mas batizados, casamentos, a participação das famílias nas práticas sacramentais era o desejo da Igreja. Fatores que não se contemplavam no ambiente de algumas famílias pobres, onde existia a ignorância religiosa, pois, alguns pais não batizavam os filhos, viviam em uniões ilícitas e não frequentavam a Igreja, dificultando a evangelização. Daí a importância de um organismo como os Oratórios Festivos numa localidade.

Como mencionado anteriormente, o funcionamento de um Oratório Festivo dava-se aos domingos e feriados – dias em que as crianças tinham folga das escolas públicas e em época de carnaval. Nesses períodos as crianças ficavam expostas aos festejos considerados danosos pela Igreja, como o carnaval; e ao protestantismo, pois, quando esses instalavam suas Igrejas abriam escolas para crianças crentes e não crentes, tornando-se uma ameaça marcante para os agentes católicos e, muitas vezes, difícil de ser combatido.

Lima (2007) estudou o Carnaval em Aracaju no final do século XIX e meados da década de 1960. O carnaval era uma festa na qual os foliões se divertiam nas ruas com a manifestação de passeios ou corridas de Zé Pereira. Nas décadas de 1910 e 1920, os ricos festejavam em clubes e bailes; os pobres sem recursos “comemoravam a festa nas ruas, ao ar livre”. (LIMA, 2007, p. 54). Genésia Fontes procurou durante esse período de Carnaval agrupar as alunas e seus responsáveis

atraindo-os através dos festejos e brincadeiras visando à incorporação das práticas sacramentais. Em 1918, “durante o Carnaval o Oratório franqueou suas portas para recreio todos os dias, após a adoração das quarenta horas, na capelinha dos Salesianos”. (Anais..., 1918, p. 3).

A organização dos Oratórios Festivos consistia-se em dividir as alunas por idade. As atividades educativas e religiosas constavam de catecismo e primeira comunhão anualmente, trabalhos manuais, ensino religioso e valores morais. As atividades práticas faziam-se através de brincadeiras, jogos, representação teatral, pedagogia do exemplo, declamações e os rituais religiosos. Destacando como principal elemento dessa prática – a alegria, ou seja, o êxito dessas atividades estava na animação. As práticas oferecidas aos domingos e dias festivos não tinham caráter de escolarização, mas de evangelização, como já foi aludido.

Além desse recurso destaca-se o funcionamento das Companhias que também faziam parte da cultura escolar salesiana. Mas o que vem a ser uma Companhia?

Oliveira estudou os Salesianos no nordeste, definiu que “as companhias são associações de caráter religioso-formativo, reservadas aos jovens das Casas Salesianas e se inserem na pedagogia salesiana como parte vital do Sistema Preventivo” (OLIVEIRA, 1994b, p. 130).

As Companhias geralmente levavam o nome dos santos protetores da Congregação, tal como, Companhia de São Luiz Gonzaga, do Santíssimo Sacramento e de São José (para os meninos aprendizes – pobres).

O Oratório Festivo Dom Bosco também formou as Companhias com as alunas que se destacam. Chamavam-se Companhia Maria Mazzarello e Companhia de Gema Galghani. A Companhia Maria Mazzarello foi criada em 31 de janeiro de 1920, visando “maior emulação na virtude, estímulo ao zelo e edificação mútua” (Anais..., 1925, p. 6). Neste dia também se comemorava o falecimento de Dom Bosco.

O primeiro corpo diretório foi composto por Genésia Fontes como Diretora; Adolfinia Elias da Silva (Ex-aluna) – Conselheira; e Maria Pureza da Silva – Secretária. As reuniões aconteciam aos domingos e participavam somente as catequistas e as associadas. Vale frisar que foram encontrados documentos tais como: Atas, lista com nomes das participantes e outros que detalhassem a dinâmica e funcionamento das reuniões.

Todavia, nos Anais (1925-1952) há indícios de como as meninas e moças agiam contribuindo no desenvolvimento da instituição. As alunas que pertenciam à Companhia estavam aptas a servir de exemplo a suas companheiras, proporcionando aprimoramento religioso e moral entre as colegas e auxílio nas atividades, pois participavam das festas religiosas, das procissões, do catecismo.

A constituição da Companhia Maria Mazzarello realizava-se mediante escolha das melhores alunas. Mas, de que forma eram selecionadas?

Para serem admitidas nessa Companhia exigia-se das alunas a idade de 15 a 18 anos, o melhor comportamento, as melhores notas nas aulas de catecismo oral e escrito, nas disciplinas regulares e a frequência nas aulas, nas missas e espírito ativo, isto é, participação nas atividades das práticas culturais: teatro, canto, declamação e outros. Esses requisitos eram importantes na função da associada.

Aquelas que não estudavam na instituição, mas frequentavam aos domingos e feriados poderiam ser admitidas como sócias na Companhia, desde que se preparassem durante um ano (nesse período eram aspirantes) e participassem ativamente e assiduamente das atividades promovidas pela instituição. Da mesma forma as dirigentes atentavam, antes de qualquer admissão, ao comportamento, aos modos de trajar, conversar, a conduta na Igreja e outros. No momento da admissão, as sócias recebiam uma fita azul e as aspirantes recebiam cordões. Era um processo semelhante ao regulamento da Associação das Filhas de Maria. Por sinal, a Companhia supriu a falta da Pia União na instituição que somente foi criada em 1943.

Os membros da Companhia “Maria Mazzarello” cumpriam as comemorações com pompa – os festejos do mês mariano, a festa de aniversário da fundadora do Oratório, a comemoração do dia 31 de janeiro – que além de ser data do falecimento de Dom Bosco era o dia da criação da Companhia. Festejavam ainda a data do nascimento e morte da protetora da Companhia.

O aniversário do trânsito de Dom Bosco, em 31 de janeiro de 1922, foi celebrado com missa pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano e três primeiras comunhões, além da comunhão geral. À tarde, depois de um ano de aspirantado, foram admitidas como sócias efetivas as associadas da Companhia “Maria Mazzarello” há dois anos fundada. A Companhia comemorou ainda o aniversário do passamento de sua Patrona a 14

de maio com missa festiva, comunhão geral e sermão pelo Padre Luiz Misson. (Anais..., 1925, p. 7-8).

Dessa maneira, as sócias desempenhavam tarefas variadas na organização das atividades tais como: vigiar e auxiliar as alunas nas atividades religiosas e do recreio.

As associadas da Companhia trabalhavam em conjunto com as ex-alunas do Oratório Festivo Dom Bosco, uma vez que, as organizações das festividades religiosas – algumas vezes – ficavam sob a responsabilidade dessas, mais experientes, com participação das educandas em peças de teatro, no canto, na declamação de poesias e discursos. Ramos asseverou que, mesmo depois de casada e com filho, fazia parte da associação das ex-alunas. Assinalou: “Mesmo casada ainda participava das peças teatrais, até meu filho novinho representou o Menino Jesus” (RAMOS, 2010).

Efetuuou-se a festa promovida pela Companhia “Madre Mazzarello”. Constou de Missa festiva, com cânticos sacros, pela manhã; e de apresentações de dramas, comédias, diálogos e monólogos, versando tudo sobre assuntos religiosos e temas sociais, cheios de ensinamentos de moral. O palco do Oratório, à noite, apresentava cenários relativos às peças literárias, e as educandas interpretaram com naturalidade os papéis que lhes couberam desempenhar. (Relatório..., 1938, p. 03)

Nos dias de procissão, as alunas (educandas e oratorianas) participavam. As alunas que faziam parte das Companhias – que se dividia por idade – carregavam cada uma suas medalhas, fitas e cordões. E cada representante das Companhias ostentavam o estandarte da mesma.

A festa de Christo Rei realizada na Igreja Catedral [em 27 de outubro de 1935] tomaram parte na procissão a convite do vigário. Saiu incorporada a Companhia Maria Mazzarello [...] ostentando o seu estandarte e as sócias com seus distintivos. (Anais..., 1935, p. 25)

Esses símbolos de honra eram significativos para as alunas as quais faziam jus. Entretanto, vale destacar outra função relevante estabelecida pela Companhia – o ‘acolhimento às novatas’. A interação entre as alunas nesse momento de entrada manifestava-se com festa e alegria por parte das internas, pois, assim como o mundo exterior para as

egressas era considerado pela diretora da instituição perigoso e pernicioso; o mundo das internas também se tornava estranho para as que ali chegavam.

Desse modo, a recepção às novas alunas era primordial, visto que ingressavam num ambiente com novos hábitos e um modelo de vida adverso do que viviam. Pois, deixar costumes e crenças com regras e normas flexíveis – como muitas vezes constituía-se o ambiente caseiro – para interagir num espaço dotado de normas rígidas e regulamentos de condutas, também era um momento de adaptação de um novo *habitus* interessado em gerar nas neófitas a “regularidade das condutas”, sobretudo, religiosas, de tal forma que, se “codificadas”, “[comportar-se-iam] de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias” (BOURDIEU, 2004b, p. 98).

Vale ainda lembrar que as alunas compartilhavam de “posição semelhante” e eram submetidas a “disposições e interesses semelhantes”, tendo em vista adquirir “um senso prático” ou “um ajustamento a essa posição” (BOURDIEU, 2004b, p. 155), para agir espontaneamente a depender da situação social. Isso não quer dizer que as alunas aceitassem passivamente as “forças do campo”, mas a prática religiosa constante que eram submetidas ajudava-as a adquirir disposições ou *habitus*, isto é, “maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-[las] a resistir [ou] a opor-se às forças do campo” (BOURDIEU, 2004a, p. 28).

A Prática Formal de Ensino – o Internato

O primeiro Estatuto da instituição (1927) estabeleceu exigências na admissão quanto à idade, saúde, filiação e religião – ser católica. Assim, conforme o documento, para ser admitida, a menina tinha que apresentar “prova legal de maior de quatro e menor de nove anos de idade; de ser órfã de pai e mãe; Certidão de Registro Civil de Nascimento e de Batismo; atestado de boa saúde e de não sofrer de moléstia infecto-contagiosa, fornecido pelo médico do Oratório”. As alunas permaneciam na instituição até os dezoito anos. A partir dessa idade elas estavam “aptas” ou “prontas” para “auferir honestamente meios de subsistência” (Diário Oficial, Ano XXX, nº 10.274, jan./set./1927, p. 2). Afora a documentação, revelou Conceição (2010)

que, quando entrou aos seis anos de idade, “levou algumas roupas”, que se guardava “num armário, tudo bem limpinho” ordenado e organizado por “uma numeração”.

Tudo lá era por número. Quando a gente chegava lá, já recebia um número. Desde quando chegava lá já sabia. O tamanquinho de madeira que a gente usava era marcado com o número, o meu era o número seis. Ninguém pegava porque sabia que era meu. Tudo era numerado farda, lencinho, qualquer coisa da gente. A gente não era chamada pelo número, o número era só para organizar as coisas, diferenciar os objetos. (RODRIGUES, 2010)

O sistema de numeração era uma forma de manter a organização e o disciplinamento. “Era necessário para não ficar desorganizado” (FERREIRA, 2008), “se a gente tinha que calçar sandália [...] todas as meninas eram de sandália; se fosse de farda, todo mundo com a mesma fardinha; a blusa não podia ser diferente. Todo mundo era igualzinho” (RODRIGUES, 2010). Tanto a numeração dos objetos quanto a padronização dos uniformes consistiam numa das “diversas técnicas de disciplina” entendida por Foucault como “arte de distribuir os indivíduos no espaço” evitando o “desaparecimento descontrolado e a circulação difusa” visando identificar e “saber onde e como encontrar os indivíduos” para “poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo medir a qualidade e os méritos”, ou seja, é para Foucault o “princípio do quadriculamento” que não se desenvolve somente com a dinâmica da arquitetura e delimitação do espaço, mas também com os pequenos detalhes – “a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo” (FOUCAULT, 2008, p. 121-123).

Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens, sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados. E desses esmiuçamentos, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno. (FOUCAULT, 2008, p. 121)

Como dissemos anteriormente que a instituição seguia os preceitos do Sistema Preventivo de Dom Bosco, calcado em três pilares que se

completam: Religião, Razão e *Amorevolezza*, que significa amabilidade, afabilidade, afeto, carinho. Mas não um “amor vago, açucarado, cheio de melindres e ciúmes”; o sentido da *Amorevolezza* “exige solicitude inteligente e racionalidade” (SANTOS, 2000, p. 165). A razão era entendida também como “racionalidade, bom senso, concretude”. Com esse componente, o jovem era “preparado para enfrentar com responsabilidade e seriedade a vida”. O apelo à responsabilidade era feito incessantemente por Dom Bosco, para o cumprimento com disciplina dos deveres e o uso disciplinado do tempo através do trabalho (SCARAMUSSA, 1977, p. 83). Quanto à religião, entendia que somente a instrução catequética direcionava a maturidade do jovem na verdadeira religião e na moral cristã. Em seu ponto de vista, a educação à piedade exigia convicção pessoal de inteligência e de fé; exigia racionalidade e discrição; visava à adesão do coração. Dessa forma, a evangelização dos alunos não se daria apenas nas salas de aula, mas, sobretudo em suas práticas diárias, auxiliando nos rituais religiosos das celebrações eucarísticas, nas funções litúrgicas, na participação das festas, dos exercícios espirituais, no exercício mensal da boa morte e outros (SCARAMUSSA, 1977, p. 78-79).

No Sistema Preventivo de Dom Bosco, era imprescindível advertir ao aluno das normas contidas no Regulamento para que ele soubesse de seus deveres e o grau das punições se cometesse alguma indisciplina. No entanto, “avisar” sobre as regras não era o suficiente para manter a ordem e a disciplina. O controle do espaço temporal era primordial para o sucesso da padronização das ações e das atitudes do aluno, pois, o controle do tempo, além de prevenir contra a ociosidade, era uma forma de interiorizar as divisões do espaço temporal, no qual deveria habituar-se a preenchê-lo organizadamente para saber diferenciar o tempo das atividades laborais e dos momentos de descanso.

Assim sendo, as atividades distribuídas na instituição ocupavam as alunas em tempo integral, organizando seu dia com diversos afazeres. No Oratório Dom Bosco, além do calendário oficial, correspondente ao ano letivo, com o cumprimento das aulas regulares e dos deveres cívicos, havia as realizações do calendário religioso, o qual seguia as prescrições do calendário religioso Salesiano, que incluía além das celebrações religiosas os festejos, passeios e visitas.

Outros eventos sumariamente realizados no calendário salesiano e que fizeram parte da “dimensão simbólica que perpassa o universo dessas instituições educativas” (SOUZA, 2000, p. 10) consistiram em: distribuição anual de prêmios, passeios gerais, visitas de cumprimento e agradecimentos a beneméritos, padres inspetores e pessoas outras que auxiliavam a instituição. Poderia realizar-se no decorrer do ano, na medida do necessário, exceto os passeios e a distribuição de prêmios, que tinham dias específicos para realizarem-se.

Segundo Santos (2000, p.164), a organização do espaço escolar e da rotina diária do aluno eram estratégias de controle e de prevenção, posto que a preocupação consistia em não deixar os alunos ociosos. Porém Foucault (2008, p. 126) reforça que essa prática disciplinar do tempo e do espaço “garantem a obediência e melhora a economia do tempo e dos gestos” do aluno.

A disciplina do tempo e do espaço proporcionado no Oratório Festivo Dom Bosco, principalmente direcionado às alunas em regime de internato, foram condições adequadas para aquisição ou formação de um *habitus*⁶, construído a partir das relações entre todos os seus agentes e por intermédio da aplicação de ações pedagógicas que procuraram conformar nas educandas uma forma específica para “percepção e apreciação” do mundo social⁷, bem como a formação de “esquemas de classificação” (BOURDIEU, 2004, p. 158), ou “habilidades sociais” (ELIAS, 1994, p. 48), suficientes para se comportar devidamente em alguns ambientes sociais, a exemplo da Igreja, da rua ou em casa. Todavia, tais habilidades poderiam ser mutáveis conforme o grau de experiências que as alunas fossem submetidas dentro da instituição ou quando fora dela.

⁶ Segundo Bourdieu o *habitus* é um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante. BOURDIEU, 2005, p. 191. O *habitus* constitui a nossa maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e material. Assim, as disposições interiorizadas refletem em nosso corpo através de posturas, expressões corporais, modos de falar e olhar; no pensamento do que é certo ou errado; e na nossa subjetividade.

⁷ O mundo social para Bourdieu “pode ser dito e construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão e divisão – por exemplo, as divisões econômicas e as divisões étnicas, religiosas.” BOURDIEU, 2004, p. 159.

Quanto à organização pedagógica, a instituição oferecia modalidades de ensino formal e informal. As modalidades de ensino formal constituíam-se de Internato e Externato. A modalidade informal equivalia ao Oratório Festivo, prática que ocorria com frequência aos domingos, dias santificados e no carnaval. Esses dias representavam os dias de folga das escolas públicas, de modo que era um momento de oferecer às meninas e jovens das imediações que estudavam nessas escolas uma educação religiosa católica. No carnaval, o Oratório abria suas portas durante os três dias, buscando afastar, principalmente, as moças de uma festividade considerada pelo catolicismo, deturpadora dos valores morais.

O ensino formal oferecido na instituição adotava – conforme os Relatórios enviados à Diretoria de Instrução Pública do Estado e assinalados nos Anais da instituição – o conjunto de disciplinas deliberado no Regulamento da Instrução Pública para a instrução primária. A época baseava-se pelo Decreto nº 867 de 11 de março de 1924, na gestão de Maurício Graccho Cardoso, a instrução primária estava “dividida em elementar e superior de três anos cada uma” (ESTADO DE SERGIPE, Regulamento da Instrução Pública, 1924, p. 6). Desse modo, a instituição do Oratório oferecia a suas alunas, nos primeiros tempos, somente o primário elementar. Em suas entrevistas, as alunas lembraram principalmente as aulas de Português (Cartilha), Matemática (Tabuada), aulas de Postura e Trabalhos Manuais. Porém, nos Relatórios e Anais da instituição, registrou-se que se oferecia o ensino primário especificado pela Instrução Pública do Estado, o qual segue:

Leitura, Escripção e calligraphia, Arithmetica, comprehendidas as quatro operações fundamentaes e o systema métrico decimal. Chorographia do Brasil e de Sergipe (generalidades), Noções de Historia do Brasil e de Sergipe. Rudimentos de moral e instrucção cívica, urbanidade e hygiene. Molestias mais comuns em Sergipe e meio de prevenil-as. Por meio de licções de coisas: noções simples acerca de estrutura e funcções do corpo humano; animaes, plantas e objectos de immediata utilidade; phenomenos atmosphericos.

Elementos de trabalho manual. Cartonagem. Prendas de agulha e outros misteres domésticos, inclusive lavado e engomado, cultivo de hortas e jardins, para meninas, Gymnastica, Formações, marchas. (ESTADO DE SERGIPE, Regulamento da Instrução Pública, 1924, p. 32)

No Oratório Festivo Dom Bosco, além das disciplinas obrigatórias prescritas pelo Regulamento de Instrução, oferecia-se como complemento ao programa as seguintes atividades: Ensino Religioso, Música, Coral, Piano (essa prática não foi oferecida todo o período em estudo, somente nos primeiros anos da década de 1930 e nem todas as alunas foram contempladas e que não são reveladas na documentação), oferecendo, ainda, aulas de Noções de Civilidade e Postura, Canto Orfeônico, Ginástica e Teatro (Relatório, 1933-1934). Para as aulas de Trabalhos Manuais propostas pelo Regulamento, a instituição ofertava: Corte e Costura, Bordado, Flores Artificiais, Tapeçaria, Pintura e Desenho. Prendas Domésticas: Cozinhar, Lavado e Engomado, Limpeza da Casa (Anais..., 1925-1936).

Segundo depoimento da ex-interna Rodrigues (2010) – que entrou na instituição em 1948 – o dia começava cedo e era organizado. “A gente acordava cedo para ir à missa. Toda vida teve missa. Era costume, mãezinha [como era chamada a fundadora Genésia Fontes por todas as alunas] botou aquele ritmo.” Em suas declarações, descreveu a distribuição do tempo de forma minuciosa:

Todo dia tinha missa, a gente acordava cedo às 5:30 horas, tomava banho, se vestia. Às 6:00 horas a gente tinha que estar na Igreja. A primeira coisa do dia era a missa. Depois da missa a gente saía todas em fila direitinho, ia pro refeitório tomar café. Depois do Café era que a gente voltava para trocar de roupa [vestir o fardamento diário] para começar as aulas das 8:00 ao meio dia [...]. Depois das 13:00 horas a gente ia fazer as obrigações da casa [...]. Quando era 14:00 horas em ponto tinha aulas de trabalhos manuais com dona Aurinha. No intervalo tinha lanche às 3:00 da tarde, lanchava e voltava logo. E assim passava a hora até às 4:00 da tarde, quando a gente era dispensada ia tomar banho. [...] Depois do banho às 6:00 da tarde, o sino tocava. Pelo sino a gente já sabia e Maraci cantava a Ave Maria. A gente sabia que era hora do *Angelus*. Na hora vinha minha Aurinha e mãezinha, ficavam na frente e rezavam *Angelus Domini...*, todas as alunas, juntas, acompanhavam. Depois do canto a Nossa Senhora, dali mesmo fazia a fila e ia para o refeitório tomar café. Era tudo muito bem organizado. Depois limpávamos o refeitório e a gente podia brincar no pátio até à hora de se recolher às 8:30 horas da noite. Mas antes de subir para o dormitório a gente fazia um lanche. Um biscoitinho seco de côco com café. Ah! Eu adorava. Já no quarto antes de deitar a gente

rezava ao pé da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora que ficava no centro do dormitório. Depois tinha a Boa Noite que mãezinha dizia pra gente, alguns avisos de coisas que a gente não devia fazer, ter fé em Dom Bosco, e outros conselhos. Tudo isso antes da gente deitar. Uma auxiliar ficava vigiando a gente pra ficar em silêncio até dormir. (RODRIGUES, 2010)

Constatamos através desse depoimento, e de outros similares, que a rotina diária das alunas estava dividida em vários momentos, vivida em lugares determinados e específicos. E será a partir desses momentos específicos que contaremos a rotina das internas.

As Prendas Domésticas eram uma disciplina na qual se aprendia obrigações diárias, as quais todas as alunas pequenas, médias e grandes executavam “condizente com a idade de cada [uma] e de acordo com a sua capacidade” (CASTRO, 2003, p. 23). Conforme a referência de Rodrigues (2010) – no período da tarde – o momento das tarefas domésticas estava entre a refeição e o momento das aulas de trabalhos manuais e estava a cargo das meninas médias. Elas eram dispostas em grupos de “quatro, cinco meninas” para dar conta dos serviços domésticos em uma hora. Já no período da manhã, as funções domésticas eram empregadas pelas alunas “grandes”, que tinham aproximadamente quinze a dezoito anos.

As alunas grandes estudavam no turno da tarde, pois encarregavam-se de executar as obrigações diárias consideradas “mais pesadas”, tais como fazer as refeições, esfregar o chão, lavar e engomar. De acordo com as lembranças de Ferreira (2008), “cada dia tinha uma distribuição para aquele serviço”, e explicou: “hoje eu era da cozinha, amanhã eu era para lavar roupa”. Às vezes, “umas iam varrer o refeitório, outras lavar e enxugar os pratos, umas varrer a sala de visitas, outras arrumar as roupas no armário” (FERREIRA, 2010).

Nesses instantes, as meninas e moças não faziam as atividades sem orientação. Existiam as auxiliares especialistas que ensinavam às alunas, na prática, as Prendas Domésticas, disciplina que introduzia as disposições peculiares para formação de um *habitus* específico e necessário para uma boa dona de casa.

As temáticas musicais, por exemplo, expressavam situações sociais para a conformidade com o trabalho e o aprendizado de noções diárias

como as cores, os meses do ano e outros. Os dramas representavam a infidelidade religiosa, a harmonização da família entre o homem e a mulher, alertava para a astucidade dos homens, para a conformidade no emprego através da obediência e outros assuntos direcionados também à família, uma vez que pessoas da comunidade prestigiavam as apresentações das alunas. Através desses recursos, a instituição socializava a mensagem dos valores religiosos e morais aos que compareciam.

A música nos preceitos da Escola Nova representava um “influxo profundo e purificador entre os educandos” (VEIGA, 2007, p. 221). Nas determinações encontradas no Caderno de Normas Didáticas (1907) utilizado pelas Salesianas, a música “move e aperfeiçoa os afetos, desenvolve nobres sentimentos e conduz o coração até mesmo ao heroísmo”, assim acontecendo com o canto e a ginástica. Desse modo, para o Sistema Preventivo de Dom Bosco, a música faz parte do conjunto de elementos que auxiliam na descontração do jovem, enaltecendo o espírito, possibilitando disciplinar o corpo sutilmente, não simplesmente para que façam o que quer, mas que operem como se quer (FOUCAULT, 2008, p. 119).

Conforme os Regulamentos de Ensino Primário da época estudada, as atividades manuais para meninas divergiam dos meninos. Para elas, referiam-se comumente em Trabalhos de Agulha e Prendas Domésticas. No Oratório Festivo Dom Bosco, para as atividades dos trabalhos de agulha ofereceu com frequência corte e costura, bordado e pintura em tecido. O tricô, o crochê e a tapeçaria também foram contemplados, mas pelos depoimentos das ex-alunas e o que encontramos nos Anais (1925-1936) com menor ênfase.

O Trabalho Manual foi uma disciplina evidenciada no ensino de meninos e meninas com o sentido de: ocupar o tempo dos alunos, transmitir uma linguagem ou expressar um sentimento. Contudo, o importante em adotar a disciplina nos currículos foi pela colaboração no processo de aprendizagem na educação do corpo e o controle da mente.

As aulas de trabalhos de agulha realizavam-se em local específico – o atelier. Nas aulas de Costura, aprendia-se a confeccionar vestidos, camisas, roupinhas de bebê, e a “fazer bainhas de toda qualidade” (RAMOS, 2010): “pé de galinha para calças, saias e vestidos” e bainha aberta, que “servia para acabamento de bordado feitos em toalhas, col-

chas, guardanapos, lenços”, (FERREIRA, 2008); enfim, era um ponto de bainha comum que servia para diversos acabamentos de bordado.

O corte e a costura se aprendiam primeiro no papel, conforme Ferreira (2010), “fazíamos roupas pequenas de papel. Cortava e costurava no papel para depois ir para os tecidos” e concluiu que, para confeccionar seus vestidos, não utilizava a máquina de costura, “a gente ganhava os tecidos e fazia a roupa costurando na mão, com ponto atrás”. A ex-interna Rodrigues (2010) assinalou que aprendeu a costurar e bordar com dona Genésia e a professora Áurea Amorim, que, segundo a ex-aluna, “era muito boa nos bordados e na costura era de mão cheia”.

Aprendi a costurar com d. Aurinha e mãezinha. Até enfiar a agulha lembro. Ela enfiava a agulha a gente enfiava também. Na hora da costura ela ficava olhando pra ver se a gente fazia certo a bainha da saia. A gente ficava na sala de costura cada uma com sua peça concentrada nas costuras até o horário do lanche. Aprendi tudo isso com mãezinha. [...] Quando as freiras chegaram eu já sabia costurar. Nos bordados aprendi ponto perfilado, cheio, ponto de cruz. Fazia bainha aberta. É tão bonitinho, a gente vai na beira do lencinho ou do lençol assim, e do lado desfia vai ficando os buraquinhos. Fica muito bonito depois de feito. Aquela toalha preparei para o meu casamento a vinte e sete anos atrás [*a toalha estava sobre a mesa. Era de tecido étamine na cor vermelho feita em ponto de cruz com linha branca, desenhos floridos e bainha aberta*]. Grifos meus (RODRIGUES, 2010).

O material produzido nas aulas de Trabalhos Manuais das alunas era exposto para venda na exposição anual que acontecia na instituição. As peças expostas, segundo Ferreira (2010), eram “roupinhas de bebê, casaquinho, sapatinhos de tricô, toalhas de mesa, panos de prato, rroupinhas de boneca”, e outras que ficavam dispostas em cristaleiras por uma semana na ampla sala de visitas que arrumavam, a fim de mostrar os trabalhos que eram muito elogiados e concorridos. Geralmente, essas exposições coincidiam com as festas realizadas nos finais de ano. No dia vinte e sete de novembro de 1932, “houve exposição de trabalhos manuais, inclusive vestidos feitos no ‘atelier’, trabalhos de recortes e desenhos.” A exposição de trabalhos manuais em 1936 iniciou em quinze de agosto [na festa de São João Bosco], numa das salas do Oratório, onde figuravam diversas e “bem confeccionadas costuras de

bordados brancos, à fantasia etc., trabalhadas pelas educandas e externas” (Anais... 1925, p. 36).

Já a exposição permanente foi iniciada em sete de junho de 1933, “na sala de visitas em um grande armário que se achava repleto de prendas muito bem feitas não só pelas meninas do orfanato, como também pela própria mãezinha.” (Anais... 1925, p. 36). A exposição permanente podemos empreender como fator estratégico para estarem presentes as produções das alunas todo o tempo, como mostruário de que a disciplina se desenvolve na educação das mesmas.

Mas, as habilidades das alunas nos pontos de bordado e outras artes não serviam apenas para venda. As alunas também costumavam presentear suas professoras em decorrência do Natal, aniversário, despedida, ou presentear numa visita de cortesia. Os Anais da instituição evidenciam que em 1948, na despedida da professora das internas, Jair Dantas de Brito Lima, foi ofertado por “gratidão pelos serviços prestados [...] um lindo quadro religioso em tapeçaria, trabalhado por uma das órfãs” foi ainda “pronunciado um discurso por uma das alunas em nome das demais” (Anais..., 1948, p. 04).

Outros presentes eram oferecidos a beneméritos e visitantes, tais como, marcadores de livros feitos em tecido bordado, cartões de Natal com desenhos ou pinturas, ostentando um símbolo religioso (pomba branca, o Coração de Jesus, a cruz, um dizer bíblico), entre outros. Os riscos de bordado e desenhos para pintura, em anexo, oferecem uma percepção do que às alunas aprendiam nessas aulas.

As aulas de trabalhos manuais também podem ser contabilizadas como tempo de obrigações, pois, além de ser uma atividade com o objetivo de ocupar o tempo das alunas, a produção executada durante o ano era exposta na exposição permanente e vendida. “E aí querendo ou não já ajudava a instituição” (SANTANA, 2010).

As aulas de Postura e Noções de Civilidade foram muito importantes no quadro curricular porque visavam ensinar as boas maneiras às alunas para apresentarem-se corretamente em público. Objetivavam ainda trabalhar a “natureza” destas, através do “mecanismo do controle das emoções” (sensibilidades e sensações), pois, as moças tinham que aprender a “policiar o próprio comportamento” (ELIAS, 1994, p. 93). Para isso, no decorrer da disciplina impunham-lhes um conjunto

de atividades (dramas, canções, hinos religiosos, orações, jogos, entre outros), no sentido de auxiliar na “formação de sensibilidades recatadas, civilizadas, consideradas indispensáveis como signos de refinamento” (CUNHA, 2006, p. 353).

Conforme o depoimento da ex-interna Ferreira (2008), as aulas de Postura e Noções de Civilidade eram ministradas pela professora e pianista Áurea Vitória de Amorim que ingressou na instituição como professora e auxiliar de Genésia Fontes em 1929. Segundo a ex-interna. “as aulas de postura era para a gente aprender a sentar, comer, andar. A gente não podia se sentar de qualquer jeito que minha Aurinha reclamava e mandava a gente se endireitar”, “a gente tinha que aprender a pegar no garfo, pegar na faca...” (FERREIRA, 2010).

Santos (2010) argumentou que a turma dela (década de 40) nessas aulas aprendiam a “não se intrometer nas conversas dos mais velhos”, “respeitar os mais velhos”, “respeitar as colegas e as professoras”, “não falar gritando”, “vestir roupa limpa, comportada e não podia estar rasgada”, “não era pra gente brigar, nem dizer palavras feias”.

Desse modo, aprendendo as regras de polidez e observando que devia “amar ao próximo”, as alunas aprendiam no microespaço a interiorizar a virtude da tolerância; valor moral que prevenia contra brigas e mal-estar nas relações entre as próprias alunas, principalmente, as internas. Portanto, esse tipo de educação também contribuía para enaltecer os discursos oficiais de que “a ênfase da escolarização [feminina] deveria recair”, segundo Freitas (2003), mais “sobre a formação moral e a constituição do caráter do que sobre o acesso aos conteúdos instrutivos formais”.

Nas aulas de Postura e Civilidade também aprendiam que a boa alimentação na formação do indivíduo era tão importante quanto o asseio do corpo. A limpeza da casa, o cuidado com as roupas e a aparência tornavam-se necessários. A ingestão de frutas, verduras e legumes eram normas de saúde e higiene na vida do indivíduo. Nas Normas Didáticas das Irmãs Salesianas, previa-se, nos Deveres Físicos para consigo mesma que: “o corpo se mantém e se aperfeiçoa – a) alimentando-o regularmente e sem gula; b) com o trabalho e as atividades; c) com a higiene das pessoas, dos lugares etc.” (Caderno de Normas Didáticas, 1907).

O Oratório Festivo Dom Bosco cumpria um ritmo regular nas refeições diárias com horários e espaço definido. O café da manhã era servido às sete horas; o horário do almoço, às doze horas; o jantar servia-se depois do *Angelus*, às sete da noite. No momento das refeições, as alunas dirigiam-se em fila, ao refeitório, ainda de pé ouviam as palavras de agradecimento feitas por Genésia Fontes a Dom Bosco pelo alimento do dia. Depois sentavam-se nos seus devidos lugares identificados pela numeração.

Conforme a ex-interna Ferreira (2008), não havia distinção na comida oferecida “se no almoço tivesse só feijão com farinha e a carne não desse para todas comerem, ninguém comia carne, somente feijão com farinha. Mãezinha não permitia, para não ter privilégio para umas e outras não”. E continua: “não tinha que ter gosto, a gente não podia reclamar da comida não!” Geralmente, pela manhã na dieta “a gente comia pão, café e leite, às vezes tinha cuscuz com manteiga” (FERREIRA, 2008). E, à noite, conforme os depoimentos, a “sopa” era o prato mais servido.

O lanche era servido em três momentos do dia: manhã, tarde e noite. O horário do lanche era um pequeno intervalo entre outras atividades. Nessas refeições servia-se pão, biscoito, às vezes frutas: manga, banana, goiaba, melancia, algumas colhidas dos pomares cultivados na instituição. No lanche noturno, o “biscoitinho seco de coco com café” era sempre bem-vindo pelas alunas.

Assim sendo, compreende-se que as aulas de Postura e Noções de Civilidade eram uma ferramenta para introduzir habilidades que levavam as alunas a adquirir o controle de suas tendências naturais a atitudes indesejáveis perante a sociedade e seu meio de convívio, ou seja, interiorizar um “autocontrole automático” (ELIAS, 1994, p. 144). Artigo caro para causar uma “boa impressão” aos de fora.

Segundo Elias (2001), “a elaboração meticulosa da etiqueta, do cerimonial, do gosto, das vestimentas, da atitude e até da própria conversa tinham a mesma função. Cada detalhe constituía, então, uma arma na luta por prestígio, de modo que elaborá-los não servia somente para a representação ostentatória” (ELIAS, 2001, p. 126), mas mostrar organização e representar o trabalho da instituição em benefício da sociedade, tendo em vista acumular “capital simbólico” entre os membros do governo em momentos de visita e, principalmente, construir uma autoimagem da instituição e seu corpo de agentes.

Com relação ao tempo reservado à prática religiosa, no decorrer da pesquisa verificou-se que as atividades religiosas das alunas eram intensas. As depoentes de todas as categorias (internas, externas e oratorianas), ao falarem sobre o cotidiano, foram enfáticas ao dizer que a missa era a primeira atividade do dia, antes mesmo da alimentação matinal. Conforme ensinamento de Dom Bosco, “a oração, eis a primeira coisa; e com a oração, o trabalho” (CASTRO, 2003, p. 22). Assim recomendava-se primeiro alimentar o espírito para depois cumprir as obrigações materiais.

Às seis horas da tarde em ponto era o momento da Ave Maria. Na Igreja rezavam o *Angelus Domini*, o canto a Nossa Senhora Auxiliadora. Antes de dormir, as alunas ajoelhadas ao pé da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora rezavam as orações pertinentes em agradecimento ao dia findo, oferecendo-as às pessoas da família, professoras, beneméritos, à diretora e a Dom Bosco. Segundo Rodrigues (2010), a imagem de aproximadamente um metro de altura encontrava-se sobre um pedestal no centro do dormitório. Feito isso, quando todas estavam na cama, Genésia Fontes fazia a alocação do Boa Noite, que consistia numa prática cultural salesiana cuja diretora dizia algumas palavras de reflexão e conselhos para um bom comportamento. Assim era o dia de compromissos religiosos das alunas internas regularmente.

No entanto, outras práticas religiosas ocorreram na instituição, entendidas neste trabalho como formas⁸ de linguagem⁹. O mês mariano e as flores, o Santo Natal, árvore de Natal, presépio e o papai-noel, os festejos a Dom Bosco e o beijamento de sua relíquia, as imagens de santos, santinhos, os milagres atribuídos a Dom Bosco, e os retiros, auxiliaram e muito na transmissão dos ensinamentos religiosos proporcionados pela instituição, visando à formação de um *habitus* religioso nas alunas que deveriam incidir nos gestos, no corpo e nos pensamentos.

⁸ Conforme Bourdieu, “dar forma” significa “dar a uma ação ou a um discurso a forma que é reconhecida como conveniente, legítima, aprovada, [...] uma forma tal que pode ser produzida publicamente diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável [...]. A força da forma esta *vis formae*, de que falavam os antigos, é esta força propriamente simbólica que permite à força exercer-se plenamente fazendo-se desconhecer enquanto força e fazendo-se reconhecer, aprovar, aceitar, pelo fato de se apresentar sob uma aparência de universalidade – a da razão ou da moral”. BOURDIEU, 2005, p. 106.

⁹ Chartier aludiu que “a construção dos interesses pelas linguagens disponíveis” (ou formas de expressão) “em um determinado tempo sempre está limitada pelos recursos desiguais (materiais, linguísticos ou conceituais) de que dispõem os indivíduos” e somente terão sentido e eficácia conforme a apropriação de seus atores, pois, eles inventam e reinventam as práticas de representação. CHARTIER, 2009, p. 48.

Torna-se importante frisar que o emprego das diferentes formas de linguagem gerou condições para a difusão da fé no catolicismo e contribuiu para disseminar os valores morais e cristãos entre as famílias num momento em que o movimento de reforma católica se intensificou no Brasil a partir de meados de século XIX, com a atuação dos bispos, visando o fortalecimento da Igreja. Azzi acredita que naquela época,

[...] já estava em marcha no Brasil um movimento de promoção tridentino. A ação dos bispos reformadores não se limitava simplesmente a criticar ou reformar o catolicismo de tradição colonial. Simultaneamente, procuravam os bispos dar uma nova orientação ao catolicismo do povo brasileiro, através de novas formas de devoção e piedade. Convém ressaltar que essa nova instrução está centrada na vida sacramental. Tanto a instrução catequética como as novas formas de devoção e as associações religiosas têm como finalidade última levar o povo a uma vida sacramental mais intensa (AZZI, 1982, p. 112).

Os retiros e o mês mariano estão dentro desse quadro de “novas formas de devoção e piedade” para o povo que, no Oratório Festivo Dom Bosco, ocorriam anualmente. Era uma prática regulada e obrigatória para as alunas, principalmente, internas. Vale sublinhar que em algumas épocas a prática do retiro na instituição ocorreu em dois momentos: um para as externas (em que poderiam participar pessoas da comunidade) e outro destinado às internas e “às superiores, catequistas, às companhias” e, a partir de 1942, o grupo de associadas e aspirantes da “Pia União das Filhas de Maria do Oratório Festivo”. As práticas ocorriam no mesmo mês, mas em dias separados. Teve momentos que ocorreu a participação das internas e externas conjuntamente (Anais..., 1925-1952).

Os retiros espirituais praticados na instituição ocorriam num período de três dias. Eram organizados num programa regular e intenso “confeccionado pela diretora e constava de visita ao S. S. Sacramento, Via-Sacra, Ofício a Nossa Senhora” (Anais..., 1925-1952) e outros exercícios piedosos. Aconteciam, geralmente, quatro práticas diárias. Como se observa no retiro realizado em 1934, entre os dias 16 a 20 de dezembro.

No dia 16 às 17h30 da tarde começamos os exercícios do santo retiro. Nesse dia após a prática de introdução seguiu-se a benção do S. S. Sacramento. Durante os dias 17, 18 e 19, havia missa em nossa Capela;

duas práticas sendo uma às 7 horas da manhã e outra às 5 da tarde, terminando com a bênção. Pelo dia, eram feitos diversos atos de piedade, entre os quais: a Via Sacra e o Ofício de Nossa Senhora.

No encerramento do santo retiro, às 6 horas, houve a missa com cânticos e comunhão geral das internas e externas, recebendo a Jesus pela primeira vez, as educandas: Maria Rita Bastos, Aracele Carmo e Dorinéia Ferreira. Às 7 horas foi feita a última prática e depois das orações apropriadas ao ato seguiram-se: a bênção com o crucifixo, a imposição do escapulário do Carmo às externas que tomaram parte no retiro; e a bênção do S. S. Sacramento terminando, assim, no meio de grande piedade, fervor e satisfação, os santos exercícios (Anais..., 1925-1952, p. 47).

Durante o período estudado verificou-se a grande participação dos padres Salesianos nesses rituais como pregadores, assim como os padres da Diocese e outras Ordens religiosas. Eles abriam e encerravam os retiros e cumpriam um tempo determinado e programado.

Os retiros deveriam ocorrer em épocas que as alunas estivessem de férias ou nos feriados. No entanto, alguns retiros realizaram-se no período das aulas, interrompendo o ano letivo. Como se observa na citação anterior, o programa confeccionado tomava todo o tempo das alunas com exercício da prática sacramental desde as primeiras horas do dia, inclusive nos intervalos, até o final da tarde.

A principal característica da instituição era a animação, sendo assim, não se pode deixar de anunciar as principais comemorações desse espaço educativo que se desenvolviam através de brincadeiras e jogos sem deixar de lado as práticas educativas, religiosas e cívicas, visando à formação moral, social, religiosa e cívica das alunas. Dentre as principais festas da instituição tinha-se a festa a Dom Bosco, juntamente com a comemoração da fundação da instituição, a celebração do aniversário da diretora, a festa de encerramento do ano letivo e, por fim, o festejo do Natal.

Infere-se, portanto, que as festas e práticas auxiliavam na transmissão do catolicismo e na interação entre as famílias das alunas e pessoas da comunidade. Possibilitava às alunas internas a interação com os hábitos do mundo exterior com relação ao mundo feminino, acessórios,

trajes, corte de cabelo e comportamento. Considerando o que Chartier (2009) assinalou sobre representação¹⁰ das práticas e apropriação das representações, pois, essas atitudes provavelmente eram apropriadas pelas educandas.

As práticas educativas, festivas e religiosas desenvolvidas no Oratório Festivo Dom Bosco determinaram com maior ênfase a formação de um *habitus* religioso em detrimento do aprendizado escolar, indicio de que o objetivo da instituição era produzir uma mulher católica, “apta” ao dever cristão, com experiência no cuidado da casa, do marido e dos filhos. Muito embora quando as alunas saíam da instituição tinham receios e aspirações. “Medo de encarar o mundo” e desejos de “continuar os estudos” e realizar seus sonhos.

Considerações Finais

Delineamos através das práticas formativas desenvolvidas no Oratório Festivo Dom Bosco, instituição católica de educação feminina, as propostas do processo civilizatório social e religioso no sentido de formar desde cedo mulheres vindas de famílias de baixa renda com disposições para bem viver em sociedade dentro dos parâmetros estabelecidos por uma ordem social burguesa.

No decorrer da pesquisa verificamos que as atividades das alunas direcionadas ao aprendizado religioso eram intensas. Além das aulas normais, outras formas de transmitir a mensagem religiosa, da boa convivência e conduta social adequada foram contempladas na transmissão desses saberes. Os rituais referidos e desenvolvidos na instituição pelas alunas, tais como o Santo Natal, árvore de Natal, presépio e o papai-noel, os festejos a Dom Bosco e o beijamento de sua relíquia, as imagens de santos, santinhos, as canções e hinos, os milagres atribuídos a Dom Bosco, os retiros, “queimar círios ao pé da santa virgem”, “ofertar flores a Maria” e todos os exercícios marianos, regulares e repetidamente, com tempos e horários determinados, auxiliaram e muito aos agentes da instituição na transmissão dos ensinamentos religiosos, visando à formação

¹⁰ A noção de representação aproxima as “posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”, contribuindo para a produção e transmissão representações de práticas que apropriadas, consciente ou inconscientemente “incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social”, acrescentando ainda a construção dos comportamentos e hábitos encarregados de mostrar uma identidade adquirida. CHARTIER, 2009, p. 49-50.

de um *habitus* religioso nas alunas que deveriam incidir nos gestos, no corpo e nos pensamentos.

Torna-se importante frisar que o emprego dessas diferentes formas de linguagem gerou condições para a difusão da fé no catolicismo, num momento em que o movimento de reforma católica se intensificou no Brasil a partir de meados de século XIX, com a atuação dos bispos, visando o fortalecimento da Igreja.

Referências Bibliográficas

Anais do Oratório Festivo São João Bosco, 1925-1952.

AZZI, Riolando. *Os Salesianos no Brasil: à luz da história*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.

BOLETIM SALESIANO, ano VII, vol. II, nº 1, jan./1908, p. 686.

BOLETIM SALESIANO, nº 3, mar./1961, p. 541.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *“Um só coração e uma só alma”*: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais. Rio de Janeiro: UGE, 2005. Tese (Doutorado em Educação Física).

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo*: entre Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

Caderno de Normas Didáticas Salesiano. 1907.

CASTRO, Afonso. *Formação Salesiana*: trabalho, educação e ética. Campo Grande: UCDB, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (Anos 1920-1960). In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 350-361.

DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ESTADO DE SERGIPE. Regulamento da Instrução Pública. Aracaju, 1924.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cyntia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 135-150.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 510-553.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Augustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *“Vestidas de azul e branco”: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)*. Campinas, SP: Universidade Federal de São Paulo, 2003.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Mons. Maurílio Cesar de. *Breve história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LIMA, Jacelia Maria Monteiro Torres. *Carnaval de Aracaju: do entrudo aos salões (final do século XIX a meados da década de 1960)*. São Cristóvão/SE: UFS/DHI, 2007. Monografia (Licenciatura em História).

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe*. Maceió: Edições Catavento, 2004.

OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Vol. I – (dos primórdios até 1933). Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a.

OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Vol. II – (1933-1964). Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994b.

- São João Bosco – Traços Biográficos. Disponível em: <http://www.auxiliadora.org.br/dombosco.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2009.
- SANTOS, Manuel Isaú Souza Ponciano dos. *As escolas sob o regime de internato e o sistema salesiano de educação: luzes e sombras na preservação à violência em educação*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000.
- SANTOS, Priscila dos Santos; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. As irmãs salesianas: na educação da mulher natalense na década de 1970. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: a Educação Escolar em Perspectiva*. Curitiba/Paraná: PUCPR, 2004, p. 1-9.
- SCARAMUSSA, Tarcísio. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1977. (Coleção Pedagogia Viva).
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, vol. 17, n. 2, 2005, p. 335-350.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-48.
- SILVA, Roberto da. A construção do Estatuto da criança e do adolescente. In: *Revista Jurídica Trimestral*. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/aj/eca0008.htm>. Acesso em 21 de janeiro de 2006.
- SOIHET, Raquel. Mulheres pobres e violência na Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 362-400.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000, p. 3-28.
- RAGO, Margareth Luiza. *Do cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinada: Brasil (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAMPI, Dorcelina de Fátima. *A Formação de professoras da Escola Normal do Colégio de Santa Inês: A Educação Salesiana no Brasil inserida na Pedagogia Católica (1927-1937)*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP, 2007.

Dissertação (Mestrado em Educação).

REGIS, Leyda. *Bebê: subsídio para uma biografia*. Aracaju/SE: Livraria Regina, 1968.

Relatório do Oratório Festivo Dom Bosco. 1939.

RIZZINI, Irene. *O século Perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

VEIGA, Cyntia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

Fontes Orais

FERREIRA, Reuza Maria Lopes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 26 de outubro de 2008 e a 13 de agosto de 2010. (interna). Aracaju/SE.

RAMOS Isabel Maria. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 21 de agosto de 2010. (oratoriana). Aracaju/SE.

RODRIGUES, Maria Madalena da Conceição. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 11 de janeiro de 2010 e a 12 de julho de 2010. (interna). Aracaju/SE.

SANTOS, Maria de Lourdes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 09 de agosto de 2010. (oratoriana). Aracaju/SE.